



A narrativa de Gênesis nos mostra que o Criador criou o homem a sua imagem e semelhança e lhe deu o Mandato Cultural. O Mandato Cultural é uma expressão que os teólogos utilizam para se referir a ordem que o Criador dá ao homem após havê-lo criado: “Cresçam! Reproduzam-se! Enchem a terra! Assumam o comando! Sejam responsáveis pelos peixes do mar e pelos pássaros no ar, por todo ser vivo que se move sobre a terra” (Gn 1.26,28). A ordem do Criador para que homem e mulher multipliquem-se tem a ver não apenas com crescimento numérico, mas com a criação de uma “sociedade humana”.<sup>1</sup> Nancy Pearcey afirma que “a primeira frase – ‘Frutificai, e multiplicai-vos’ – significa desenvolver o mundo social: formar famílias, igrejas, escolas, cidades, governos, leis. A segunda frase – ‘enchei a terra, e sujeitai-a’ – significa subordinar o mundo natural: fazer colheitas, construir pontes, projetar computadores, compor músicas. Esta passagem é chamada de o mandato cultural, porque nos fala que nosso propósito original era criar culturas, construir civilizações”.<sup>2</sup>

Já vimos que na prática em Gênesis isso é retratado pela narrativa na qual Adão cultiva o jardim do Éden e nomeia os animais (Gn 2), pois essas atividades são “um convite para que o ser humano se envolva na atividade divina [...] Deus nos convida a continuar seu trabalho de desenvolvimento da criação, a fim de expandir as habilidades humanas e a natureza física para construir uma civilização que o glorifique”.<sup>3</sup>

Vamos destacar hoje outra forma particular e específica de produção cultural: a ciência. Por ciência quero dizer uma ampla gama de atividades acadêmicas e práticas que são baseadas no rigor do conhecimento científico, empírico, mensurável e conceitual, como no caso da física teórica. Afinal, olhando para Gênesis 1 e 2 podemos perceber que Deus criou o Universo com ordem e sentido – isso implica a existência das leis da física, das propriedades químicas e outras grandezas – e criou o homem com intelecto, criatividade e percepção do mundo ao seu redor como uma reflexo da *imago Dei*.

O que é ciência? A ciência é um tipo de construção de conhecimento muito específico que nasceu no período moderno por volta dos séculos XVI e XVII que é caracterizado por uma investigação crítica e empírica – prática, factual – na qual o conceito de verdade precisa ser apoiado por provas concretas, teorias e fórmulas que são validadas de alguma maneira por experimentos científicos, com métodos bem delineados e resultados claros.<sup>4</sup>

Um bom exemplo é a maneira como Galileu Galilei conduziu experimentos com pesos para estabelecer as leis da queda e como utilizado métodos e instrumentos comprovou que a Terra gira em torno do Sol e não o contrário. Galileu mostra como um novo tipo de conhecimento estava nascendo: um conhecimento baseado em métodos, procedimentos, instrumentos e provas, verdades que podiam ser comprovadas e não apenas cridas, como os dogmas cristãos por exemplo.<sup>5</sup>

O pensamento científico pode ser compreendido quando contrastado com o senso comum ou com o conceito cristão de mistério. O senso comum parte do pressuposto de que há uma relação de causa e efeito entre determinadas realidades por que assim fomos ensinados. É um modo de pensar baseado na confiança *a priori*. Isso é assim por que meus pais me ensinaram assim (se você não leva o guarda-chuvas sempre choves e coisas do tipo). É um tipo de conhecimento válido mas que não possui o rigor do conhecimento científico, onde métodos e provas contam. A noção de mistério na cristandade é quando determinada afirmação é impossível em termos humanos – como por exemplo a natureza divina e humana de Cristo ou a Trindade – mas é abraçada pelo intelecto com fé e confiança plena.

Embora o pensamento científico e a fé cristã tenham mostrado relações complexas desde o seu surgimento, o fato é que durante os primeiros séculos da revolução científica europeia havia um consenso de que as Escrituras/Teologia/Fé tinham uma relação de apoio para com a ciência e vice-versa. Vários cientistas eram profundamente cristãos e viam seu trabalho como uma investigação da perfeição, beleza e infinitude do poder do Criador.<sup>6</sup> Logo, inúmero cientistas famosos desse período eram cristãos e viam uma profunda conexão entre sua fé e a maneira como produziam ciência: Copérnico, Kepler, Newton, Boyle, Galileu, Harvey, Pascal, entre outros.<sup>7</sup> O próprio

<sup>1</sup> KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.56

<sup>2</sup> PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 51

<sup>3</sup> KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.60,61

<sup>4</sup> HILL, Jonathan. *As grandes questões sobre a fé*. Rio de Janeiro: Thomaz Brasil, 2008, p.126

<sup>5</sup> HILL, Jonathan. *As grandes questões sobre a fé*. Rio de Janeiro: Thomaz Brasil, 2008, p.126

<sup>6</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.177

<sup>7</sup> PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.174

René Descartes, que é citado por muitos como sendo o pai do racionalismo e ateu traz no bojo de sua construção filosófica a questão da existência de Deus como crucial para o conhecimento da verdade.<sup>8</sup>

Foi no período entre 1650 e 1850 que profundas mudanças iriam alterar o rumo dessa relação entre a ciência e a fé<sup>9</sup> até desembocar no quadro que vemos hoje: as pessoas em geral pensam que a ciência e a fé são inimigas e que qualquer sujeito que tenha alguma instrução científica mais profunda “perderá” a fé.<sup>10</sup> Essa percepção parece ser tão ampla que há um consenso – ainda que velado – que até mesmo o estudo sistemático das Escrituras é contrário a uma fé pura e genuína, ingênua e dependente. Citamos frequentemente, arrancando o texto de seu contexto e despindo-o de seu espírito: “A letra mata” (2Co 3.6).

Como isso começou? Como ciência e fé começaram a se distanciar até chegar ao presente momento? Está muito além do escopo deste texto demonstrar todo o processo, mas podemos apontar três campos de pensamento e autores que deram contribuições.

No campo da filosofia Baruch Spinoza e David Hume deram contribuições para que o racionalismo se tornasse cada vez mais uma maneira de pensar na qual o que não é racional não é verdadeiro. Hume publicou um livro em 1779 intitulado “Diálogo acerca da religião natural” na qual compila diversos argumentos filosóficos contra a existência de Deus,<sup>11</sup> indo na contramão das posições filosóficas de Platão, Aristóteles, Agostinho, Aquino, Descartes e Pascal entre outros, que eram filósofos que criam na existência de um ser divino.

Mais tarde David Hume foi seguido por Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, todos ateus que deram enormes contribuições para uma ciência que foi se colocando em uma posição cada vez mais antagônica a fé cristã, todos eles trazendo duras críticas ao cristianismo e a cristandade como um todo e a fé cristã em essência.

No campo da biologia não poderíamos jamais deixar de citar o inglês Charles Darwin, cujo livro “A origem das espécies” de 1859 forneceu o embasamento teórico para o crescimento cada vez maior de uma visão de mundo que não precisava recorrer a doutrina da criação para explicar a existência do homem e dos demais seres vivos na Terra. De fato o darwinismo é um dos pilares de sustentação do neoteísmo atual. Darwin, que observou a adaptação dos bicos dos tentilhões nas ilhas Galápagos (um exemplo claro de microevolução), formulou ousadamente neste livro uma teoria para a evolução de todas as espécies (obviamente macroevolução).<sup>12</sup>

No campo da geologia, no fim do século XVIII William Smith e James Hutton começaram a questionar a datação bíblica a partir de descobertas geológicas a partir do estudo científico de rochas e extratos geológicos, que indicariam que a Terra possui milhões de anos e não alguns milhares como indicaria o texto bíblico.<sup>13</sup> Essas descobertas, aliadas ao surgimento cada vez maior de fósseis de dinossauros acabaram por fortalecer o darwinismo e acabaram por montar um cenário cada vez mais tenso entre a fé cristã e a ciência.

O resultado é que cada vez mais se desenvolveu o senso de que há uma incompatibilidade entre a fé e a ciência. A ciência questionava a questão dos milagres e qualificava qualquer reivindicação miraculosa como sendo mentirosa e ingênua. Aos poucos o racionalismo afetou a própria fé cristã, pois muitos teólogos no anseio de adaptar a fé cristã a esse novo contexto acabaram adotando uma crítica da Bíblia a partir de pressupostos científicos e chegaram a conclusão que muitas histórias nas Escrituras que falam sobre um Deus que intervém e realiza milagres na verdade foram histórias forjadas para animar e consolar (afinal milagres não existem). Esse processo, conhecido como desmitologização – retirar os mitos e fantasias do texto - prosseguiu e avançou até o ponto de se fazer afirmações como: Jesus não nasceu do Espírito Santo e era apenas um homem que nos deixou um exemplo moral e jamais ressuscitou. Jesus não é Deus, não nasceu da virgem, sua morte na cruz não é substituidora, Ele não ressuscitou, não existe vida após a morte, Adão e Eva é história pra boi dormir e a fé cristã no final das contas é toda sobre ética e respeito ao próximo, como todas as outras religiões. Logo, não importa sua religião se você vive a regra áurea: ame o outro como a si mesmo.

Tim Keller nos lembra que a Teologia Liberal – este é o nome técnico desse tipo de construção teológica – foi o resultado de um longo processo de adaptação da fé cristã a cultura que o rodeava – no caso específico este tipo de produção cultural chamada “ciência” – quando na verdade a fé cristã deveria ter confrontado essa visão de mundo por meio das Escrituras.<sup>14</sup>

Alister McGrath em seu vigoroso artigo “A Ciência eliminou Deus?”, afirma que “paradoxalmente, o ateísmo em si mesmo surge como uma fé, possuído de um notável grau de semelhança conceitual com o teísmo”.<sup>15</sup>

<sup>8</sup> Quando Descartes tenta refutar o solipsismo, demonstra que o indivíduo só pode conhecer o mundo a sua volta por causa da chamada “Prova de Deus”. A partir desse ponto Descartes apresenta suas conhecidas “provas da existência de Deus” (DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005)

<sup>9</sup> TUCKER, Ruth A. *Fé e Descrença*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.101

<sup>10</sup> HILL, Jonathan. *As grandes questões sobre a fé*. Rio de Janeiro: Thomaz Brasil, 2008, p.115

<sup>11</sup> TUCKER, Ruth A. *Fé e Descrença*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p.106

<sup>12</sup> PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: Libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006,

<sup>13</sup> HILL, Jonathan. *As grandes questões sobre a fé*. Rio de Janeiro: Thomaz Brasil, 2008, p.128,129

<sup>14</sup> KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.92

<sup>15</sup> MCGRATH, Alister. Has Science eliminated God? Richard Dawkins and the Meaning of Life – in *S & CB* (2005), 17, p.116